

O GÊNIO ROMÂNTICO E A IMORTALIDADE: ANÁLISE DE “AHASVERUS E O GÊNIO” E “MOCIDADE E MORTE”, DE CASTRO ALVES

Laysa L. S. Beretta (UEL)¹

Resumo: *A certeza sobre a própria finitude perpassa a vida de todos os homens; no entanto, isso não significa aceitar que o fim último da existência é morrer: antes, revoltar-se contra isso. Assim, uma das alternativas para driblar a morte é encontrada na arte, que se configura como uma promessa de imortalidade, ou seja, é a transgressão máxima à condição humana, é o que possibilita ao homem igualar-se aos deuses. Tendo isso em vista, objetiva-se neste artigo fazer uma articulação entre a noção de gênio romântico e o anseio de imortalidade. Para tanto, buscar-se-á em dois poemas de Castro Alves entender a relação homem-legado e como isso representa um gesto de revolta.*

Palavras-chave: *Castro Alves; gênio criador; imortalidade e legado literário.*

Introdução

Ainda que procuremos afastar a ideia de que vivemos apenas para a morte, é sabido que o homem, como diz Fernando Pessoa em *Mensagem*, não é mais do que um “cadáver adiado que procria” (1980: 51). O anseio pela imortalidade é quase inato, já que está diretamente ligado à lucidez diante da condição finita dos seres

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: laysaberetta@gmail.com.

humanos. A morte é, como sabemos, o único evento que o homem não pode reverter, ou, como diz o senso comum, a única certeza que o indivíduo tem em vida. Entretanto, existe um fator que dificulta um pouco a lucidez e a passividade do homem diante da morte: a sabedoria adquirida.

É pertinente pensar na tragédia do conhecimento presente em *Fausto* (Goethe) ou nos alquimistas do Renascimento (a busca da juventude a partir do elixir da longevidade) e perceber que o conhecimento está estreitamente relacionado à imortalidade, na medida em que representa uma possibilidade de afastar o homem da morte. A sabedoria é a principal responsável pela revolta contra a condição naturalmente finita e, quando pensamos no espírito dos românticos, isso acontece de forma ainda mais intensa, pois teremos de lidar com a rebeldia e com a representação do gênio criador ali presente. O legado é uma noção que deve ser observada a partir de um vínculo intenso com a vida e a morte do homem, pois é a da impossibilidade de driblar a morte que o sujeito, angustiado diante da sua construção individual (seja intelectual ou não), se volta para o legado, ou seja, para a herança que garantirá a memória do seu nome após o fim da sua vida.

Diante do exposto, o presente estudo tem como ponto de partida as representações da morte na literatura e, nesse sentido, pretende investigar a imortalidade desejada pelo gênio criador romântico e a noção de legado em dois poemas de Castro Alves: “Ahasverus e o gênio” e “Mocidade e Morte”. Procuraremos observar, principalmente, a relação entre o conceito de legado intelectual e a finitude, ou melhor, observaremos de que forma o conhecimento do gênio criador, diante da certeza do aniquilamento de sua natureza, anseia pela imortalidade e se volta para a construção de um legado literário. Para tanto, foram feitas, primeiramente, leituras sobre o Romantismo e, mais precisamente, acerca do gênio criador e do satanismo, a partir de nomes como Benedito Nunes, Karin Volobuef, Jacó Guinsburg, entre outros, a fim de compreender de maneira mais esclarecedora as representações da imortalidade e do gênio criador presentes no movimento literário em questão. Em um segundo momento, buscamos compreender, a partir da análise realizada, a relação entre morte e anseio por legado individual e intelectual apresentada em cada um dos poemas escolhidos.

O Homem e seu legado

“A arte é longa, a vida é breve” (Hipócrates, *Aforismas*)

Para melhor conduzir uma discussão que se pretende clara com relação à noção de legado literário e à imortalidade do gênio criador, é imprescindível que busquemos considerar, antes de tudo, a estreita relação entre a natureza do homem e a noção de legado individual não só no que diz respeito à literatura, mas também em toda a história da humanidade, pois sabemos que o homem, hoje, se reconhece como indivíduo vivo e desenvolvido graças aos primeiros registros rupestres, ou seja, graças ao primeiro símbolo de vida, ao primeiro legado da humanidade.

É interessante citar, quando pensamos na referida relação, o documentário *A Caverna dos Sonhos Esquecidos* (2011), de Werner Herzog, sobre marcas rupestres

deixadas na caverna de Chauvet, no sul da França, há mais de trinta e dois mil anos. A experiência cinematográfica apresenta os desenhos de um homem que registrava nas paredes da caverna a figura dos animais que o amedrontavam do lado de fora e que acabou por simbolizar a vida neste gesto, por parir toda uma humanidade a partir do desejo de imprimir as suas impressões, medos, anseios ou vontades. O que nos interessa quando pensamos no documentário de Herzog é, além da noção de um primeiro legado da humanidade, a marca individual de cada homem que pretende registrar a sua existência, pois umas das maiores belezas apresentadas na produção fílmica de Herzog é o traço do mindinho torto do registrador rupestre, a imperfeição (ou a marca) que fez com que os pesquisadores reconhecessem o mesmo homem em lugares diferentes, ou seja, foi o mindinho torto que fez com que o homem responsável pelo registro do legado da humanidade fosse reconhecido individualmente ou imortalizado individualmente. Não tinha nome, mas era o dono do mindinho torto. Ao penetrar na caverna que um dos primeiros de nós esteve, descobrimo-nos frente ao mistério que é o homem e, principalmente, frente à ideia de reconhecimento individual, pois, o que pretendemos durante toda a nossa vida se não pertencer e nos legitimar (inclusive legitimar semelhantes)? Estamos diante da eterna e desajeitada procura por reconhecimento individual que marca não só toda a vida de um homem, como também toda a história da humanidade.

A lucidez diante da morte faz com que o homem, em um anseio quase que narcísico, queira ser lembrado, ou melhor, queira continuar existindo após a morte. A noção e, sobretudo, o desejo de construção de um legado nasce a partir do desejo por afirmação individual e de uma forte indignação frente ao imenso apagamento que a morte poderá causar, especialmente quando pensamos em feitos intelectuais (que terão que contar com a leitura e o registro de terceiros).

Pensando ainda no sentimento narcísico do gênio criador, Otto Rank, ao discutir as representações dos desdobramentos do duplo, nos oferece contribuições quando se volta para a imortalidade e para o narcisismo. Em *O Duplo*, o autor nos mostra que o mesmo impulso narcísico que nos leva a criar uma alma imortal (o duplo), transparece na criação de uma obra que se pretende também eterna. Para ele, "em todas as produções literárias, aparece, além do problema da morte, o tema do narcisismo, quer sob uma forma direta, quer transfigurada" (1939: 125). Aqui, o narcisismo será abordado a partir da figura do gênio criador da obra literária, da morte e do seu anseio por ser lembrado, já que é a razão diante da morte que faz com que o desejo por ser imortal exista. Não é a ignorância diante da finitude da vida que fundamenta a imortalidade, mas, justamente, a lucidez frente ao curso natural da biologia, ou seja, o narcisismo do gênio criador surge a partir da certeza da morte e da imensa aflição frente ao incerto futuro do legado intelectual já construído.

O Romantismo e o gênio criador

"O maior consolo para o medíocre é saber que o gênio não é imortal"
(Goethe, *Afinidades Eletivas*)

Com o objetivo de perscrutar com afinco o objeto proposto para o presente estudo, é preciso, antes mesmo que nos voltemos para os poemas escolhidos e para

Castro Alves, esclarecer a escolha do Romantismo e o seu vínculo com as noções de legado literário, imortalidade e gênio criador, pois mesmo que o ideário do brasileiro seja povoado por heróis com o porte físico de Peri ou com a integridade emocional de Ceci, as primeiras perguntas que devem ser colocadas em relevo são: será mesmo que o Romantismo é composto apenas de nacionalismo e lágrimas? Terá se exaurido do imaginário do leitor o poderoso gênio criador dos românticos?

Para esclarecer a complexidade das representações do Romantismo, é interessante recorrer ao que diz Karin Volobuef em *Frestas e Arestas* sobre o quão difuso e vasto é o movimento literário, ainda que nos limitemos a pensar apenas no contexto brasileiro:

Ora, não devemos nos esquecer de que o romantismo foi um movimento literário extremamente vasto e complexo, que defendeu, sim, a liberação dos sentimentos, das aspirações pessoais, das tendências específicas de cada subjetividade contra a imposição de desígnios supra-individuais, mas que, muito além disso, desenvolveu uma enorme gama de tendências que se ramificaram nas mais variadas direções do espírito humano. O romantismo, enfim, foi um movimento crítico, rebelde, inquisitivo, revelador. Houve as lágrimas, sem dúvida, mas também houve o rito por justiça, houve o gesto retrógrado, mas também a diligência inovadora houve o espírito voltado para o passado, mas também o olhar em busca do futuro (Volobuef 1999: 12).

O Romantismo não foi somente um movimento estritamente literário, mas uma revolução no pensamento humano, pois significou, além da rebeldia contra a normatividade e a razão do passado, o desajuste com relação ao pensamento movimentado pelo capitalismo² naquele momento. Os românticos, de um modo geral, eram os desajustados no tempo e produziam a literatura da insatisfação, literatura que funcionava não apenas como denúncia, mas também como abrigo do ideal decepcionado do autor. Não obstante tenha abordado questões conservadoras, o movimento representou ainda a liberdade, a inovação (ou renovação) e a predileção por caminhos ainda inexplorados. O período literário em questão nos sugere inúmeras possibilidades, ou seja, não é possível tratar de um Romantismo, mas de vários. Os vários movimentos são determinados não só pela individualidade do espírito romântico (cada gênio tem em si uma matéria distinta), como também pelo berço nacional que os criou.

Ao delinear uma proposta que se concentra no legado individual do gênio criador e na imortalidade, nos concentraremos no isolamento e na preocupação individual enfatizada pelos românticos, assim como a insatisfação com a sociedade contemporânea e a conseqüente revolta contra a condição efêmera da humanidade.

Entre a constelação de princípios e o desajuste social dos românticos, estamos diante de uma contemplação da singularidade do indivíduo, de uma força criativa e irradiante do eu como passagem para o universo, isto é, do gênio criador que, estabelecendo um contraponto com a uniformidade da razão teórica pregada pelo

² A conflituosa relação entre os românticos e o capitalismo é analisada por Michael Löwy e Robert Sayre em *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade* (1995).

Classicismo, volta-se para a espontaneidade da singularidade, para que uma totalidade seja alcançada. O saber deixa de ser considerado de forma harmônica entre os homens para que uma intuição distinta e individual seja valorizada.

Ainda sobre o gênio criador, temos as considerações de Nunes encontradas na organização *O Romantismo*, de Jacó Guinsburg:

Guardando as significações de espontaneidade criadora, de poder intuitivo, de manifestação original de força da Natureza, que confluem para o entusiasmo, como exaltação platônica do indivíduo possuído ou inspirado, a ideia do gênio se pluralizou à época do Romantismo. (...) É que, altivo, incompreendido e distante, o poeta romântico impõe-se, intimado pela inspiração que o visita, a tarefa universal de legislador do reino dos fins espirituais intangíveis, onde, imune à lei da causalidade e às mutáveis circunstâncias do mundo exterior, ocupa, como o viu Lamartine, um lugar firme e elevado com relação à humanidade (Nunes 1993: 62).

Conforme diz Nunes, o poeta romântico, a partir das significações de espontaneidade criadora, sente-se em compromisso com a inspiração intuitiva que o escolheu e com o legado literário que tem em mãos. A noção de gênio criador e original une de alguma forma todas as aspirações do romântico, que, respondendo às regras tradicionais pregadas pelo Classicismo, instaura-se como gênio livre, criado a partir de uma explosão e movido por uma inclinação natural, ou seja, por um dom individual.

Com relação ao desajuste social dos poetas românticos, Nunes nos diz:

O dilaceramento da consciência individual, socialmente bloqueada, que se introverte e se afirma como a potência interior infrangível do Eu, negando o mundo que a nega, enxertou-se, com o afã de totalidade e de integridade em que o individualismo egocêntrico se externou no culto da Natureza (Nunes 1993: 69).

Considerando o que foi exposto, o “dilaceramento da consciência individual” pode também representar, junto do culto ao passado, da crítica social e do nacionalismo, o completo desajuste entre o poeta e o sistema capitalista de seu tempo (Michael Löwy e Robert Sayre em *Revolta e Melancolia*), pois o romântico, ao negar o mundo que também o nega, isola-se em sua individualidade e, em um dever quase que apostólico, tenta atar as pontas do que seria a totalidade para o gênio criador.

O comportamento do romântico é marcado, sobretudo, por uma sensibilidade conflitiva, o anseio é vago e cheio de contrastes. A insatisfação do poeta marca a rebeldia romântica que deve ser considerada como o primeiro passo para que possamos melhor compreender a relação entre o conhecimento do gênio criador, o legado individual e o anseio por imortalidade.

Nesse sentido, Nunes afirma:

O *pathos* da rebeldia, implícito ao individualismo egocêntrico, desse desejo insatisfeito e indefinido, sublimou-se no *satanismo*, transformando a sede de conhecimento e de poder na causa de um conflito dramático de proporções teológicas, pelo qual o homem não é o único agente responsável. Como potência espiritual externa de atuação ambígua, maléfica e benéfica, de que o homem se aproxima, com quem pactua por vontade própria, e contra quem se debate, Lúcifer, anjo caído e acólito de Deus, instiga a sede de poder e do conhecimento (...). É o símbolo maior da sequiosidade ambivalente da alma romântica, de sua introversão, de seu desdobramento interno, do conflito entre as suas aspirações ideais e a sua impotência real: símbolo de tudo isso que o Primeiro Fausto de Goethe, já num plano que ladeia e supera o Romantismo, captou e sintetizou como trágico embate do destino humano (Nunes 1993: 73).

Diante do que Nunes nos diz, a rebeldia romântica e o isolamento do gênio criador, sempre insatisfeito em seus ideais contraditórios, aproximam muitas das representações românticas do satanismo. A relação salientada por Nunes é de grande valia quando pensamos na proposta deste trabalho, uma vez que nos comprometemos em analisar o anseio por imortalidade do gênio. Neste momento, é preciso, além de ter em mente a história de *Fausto* (Goethe), esclarecer a relação entre gênio e Lúcifer e entre conhecimento e imortalidade. A noção de gênio, diferente da de profeta (que se volta para o servilismo e para a continuação da palavra divina, ou seja, não existe criatividade e nem espontaneidade do criador) está diretamente ligada a Lúcifer e à ideia de conhecimento, de poder e de desafio, pois é Lúcifer, “o anjo caído”, que desafia a sabedoria de Deus. A imortalidade e o conhecimento (anseios do gênio) são virtudes que pertencem apenas aos Deuses e o primeiro a desejá-las foi Lúcifer. O romântico se aproxima do satanismo na medida em que se considera um gênio criador (ambiciona conhecer mais que o próprio Deus) e ao desejar, a partir do conhecimento adquirido, a imortalidade (ser um Deus). O formidável poder de criação, a inventividade e a capacidade de transcendentalidade na linguagem apontam para o ser humano genial, com ares sublimes. O conhecimento gerado, por sua vez, faz com que um ideal de resistência com relação à condição humana exista, ou seja, o gênio, diante da morte, anseia a imortalidade de Deus e, na presença da impossibilidade da vida eterna, volta-se para o legado intelectual já construído, a fim de que o seu nome resista à sua condição finita. Levando em consideração a relação apontada, é interessante, apenas a título de exemplo, citar exemplos como *Caim*, de Lord Byron e *O Matrimônio do céu e do inferno*, de William Blake.

Recorrendo ainda ao texto de Nunes, o que, de um modo geral, permanece quando pensamos no espírito dos românticos é o anseio pelo Absoluto:

O que, enfim, prepondera, como determinante do comportamento espiritual do poeta romântico, dando o acento impulsivo de sua sensibilidade conflitiva, é a aspiração do infinito como anseio vago e indefinido – que a palavra *Sehnsucht* exprime – como indeterminação

do desejo, amor da infinitude pela infinitude e da procura pela procura (Nunes 1993: 68).

É a incansável procura do poeta que nos interessa, pois é justamente o seu anseio "vago e indefinido" pelo eterno que nos provoca enquanto uma representação de morte que se configura, principalmente, na noção de legado.

O Legado do gênio: uma leitura dos poemas "Ahasverus e o gênio" e "Mocidade e Morte"

"Sinto em mim o borbulhar do gênio//Vejo além um futuro radiante" (Castro Alves, *Espumas Flutuantes*)

Os poemas selecionados para este trabalho foram publicados em *Espumas Flutuantes* (1870), a única obra de poesias reunida em vida pelo autor. A obra do poeta condoreiro é, desde o prólogo, marcada pela transitoriedade, ou melhor, pelo fim de uma vida de entusiasmos e pela morte (o poeta falece no ano seguinte à publicação). Ali, Castro Alves diz:

É que lá, dessas terras do sul, para onde eu levara o fogo de todos os entusiasmos, o viço de todas as ilusões, os meus vinte anos de seiva e mocidade, as minhas esperanças de glória e futuro;... é que dessas terras do sul, onde eu penetrara "como o moço Rafael subindo as escadas do Vaticano";... volvia agora silencioso e alquebrado... trazendo por única ambição- a esperança de repouso em minha pátria. (...) E quando - comediantes do infinito- vos obumbráis nos bastidores do abismo, o que resta de vós? - Uma esteira de espumas... - flores perdidas na vasta indiferença do oceano. - Um punhado de versos... - espumas flutuantes no dorso fero da vida!... (Alves s/d: 2).

O poeta parece mencionar a volta para a Bahia após a amputação que sofreu no pé e o estado já agravado de sua tuberculose (Amado 2010), além de relembrar o entusiasmo e a esperança de glórias que o acompanharam na primeira vez que embarcou para São Paulo. O pequeno excerto retirado do prólogo escrito pelo autor já nos apresenta reflexões interessantes no que diz respeito à noção de legado literário. O poeta, sentindo-se aplacado pela irreversibilidade da morte, se volta para os gênios criadores do romantismo ("comediantes do infinito") e questiona o que é que todos eles deixaram e o que farão quando estiverem nos "bastidores do abismo". Castro Alves diz também que o que fica é um "punhado de versos", as "espumas flutuantes no dorso fero da vida".

Escolhemos, diante do exposto, trabalhar com as espumas flutuantes de Castro Alves, com o seu "punhado de versos", que, mesmo após quase 150 anos, são espumas no "dorso fero da vida".

No primeiro poema escolhido ("Ahasverus e o Gênio"), Castro Alves compara o poeta ao judeu errante Ahasverus. O mito de Ahasverus foi "uma lenda formulada

no século XIII" (Schüler 1992:9). Segundo a lenda da tradição oral cristã, o judeu foi contemporâneo de Jesus e trabalhava em uma sapataria que ficava em uma das ruas por onde Jesus Cristo teve de passar para a crucificação. Uma das versões sobre a história de Ahasverus diz que Jesus teria caído com o peso da cruz em frente à loja onde o judeu trabalhava, e que este teria zombado do condenado, mandando-o caminhar. Jesus teria então respondido que quem caminharia era o judeu Ahasverus e que vagaria errante pelo mundo sem morrer até a sua volta.

Nesse sentido, o poeta nos diz:

Misérriimo! Correu o mundo inteiro,
E no mundo tão grande... o forasteiro
Não teve onde... pousar.
Co'a mão vazia-viu a terra cheia.
O deserto negou-lhe — o grão de areia.
A gota d'água — rejeitou-lhe o mar.

(...)

Viu povos de mil climas, viu mil raças,
E não pôde entre tantas populações
Beijar uma só mão...
Desde a virgem do Norte à de Sevilhas,
Desde a inglesa à crioula das Antilhas
Não teve um coração!... (Alves s/d: 14).

No primeiro excerto mencionado, o eu-lírico nega a vida do gênio criador, que, como o judeu errante, não teve terra para se estabelecer, não teve raça ou grupo, virgem ou mulher e nem a solidariedade de alguém. O gênio é, assim como Ahasverus, amaldiçoado por Deus e desprezado por todos os povos, é a alma errante que perde a vida de prazeres por não ser um profeta (Deus), mas um gênio criador (Lúcifer). Mas, ainda que Ahasverus seja o mais desprezado e temido entre os homens, o poeta nos diz que "um murmúrio de inveja se levanta" sempre que o desgraçado passa:

E caminhou!... E as tribos se afastavam
E as mulheres tremendo murmuravam
Com respeito e pavor.
Ai! Fazia tremer do vale à serra...
Ele que só pedia sobre a terra
— Silêncio, paz e amor! —

No entanto à noite, se o Hebreu passava,
Um murmúrio de inveja se elevava,
Desde a flor da campina ao colibri.

“Ele não morre”, a multidão dizia...
 E o precito consigo respondia:
 – "Ai! mas nunca vivi!" –

O Gênio é como Ahasverus... solitário
 A marchar, a marchar no itinerário
 Sem termo do existir.
 Invejado! a invejar os invejosos.
 Vendo a sombra dos álamos frondosos...
 E sempre a caminhar... sempre a seguir... (Alves s/d: 14).

O judeu, durante a eterna caminhada, é encarado com respeito e pavor, pois é a lenda que atravessa os tempos, é o julgado por Jesus Cristo. Caminha como Caim (o filho proscrito condenado a vagar após o assassinio do irmão), caminha como o gênio imortal. A imortalidade do judeu, entretanto, chama a atenção dos homens e faz com que a inveja se levante por onde ele pisa, mas Ahasverus, como o gênio, desconhece a imortalidade porque desconhece também a vida. Os dois caminham no itinerário e não conhecem uma construção de vida individual. São invejados pela imortalidade (o judeu pelo castigo e o gênio pelo legado) e invejam a vida de prazeres que os homens puderam construir.

Considerando a imortalidade do gênio criador, estamos diante da tragédia do conhecimento e podemos estabelecer um ponto de contato com *Fausto*, de Goethe, vez que o gênio aqui exposto, assim como o protagonista de Goethe, desconhece a vida de prazeres e alegria, pois esta foi privada em prol da construção de um legado de conhecimento. A imortalidade não é vista como um anseio enfim concedido, porque não houve vidas ou prazeres, houve só a marcha no caminho pré-estabelecido do gênio, houve apenas a procura, incessante e incansável, por louros e glórias.

Por fim, o eu-lírico ainda nos diz:

Pede u'a mão de amigo-dão-lhe palmas:
 Pede um beijo de amor – e as outras almas
 Fogem pasmas de si.
 E o mísero de glória em glória corre...
 Mas quando a terra diz: – “Ele não morre”
 Responde o desgraçado: “Eu não vivi!...” (Alves s/d: 15).

Ao cabo do poema, é reforçada a ideia de que o gênio criador, como Ahasverus – o judeu errante –, jamais viveu, pois, caminhando de glória em glória, não fez amigos (os homens só lhe ofereceram palmas) e não recebeu um beijo de amor. O gênio ou o “desgraçado”, segundo o eu-lírico do poema, abdicou de todos os bens para, como considera Nunes, exercer o “cumprimento de um dever apostólico, de uma missão espontânea para com a arte” (1993: 55) e, sobretudo, para manter-se vivo (ou ser imortal), ou seja, para construir um legado intelectual. O poeta não nos mostra a obra de vida do gênio romântico, mas a tragédia do

conhecimento, nos mostra o desgraçado que, com o intuito de alcançar glórias e de construir o seu legado individual, se torna imortal, mas não viveu.

O segundo poema nos mostra algo muito diferente do primeiro, mas se aproxima, essencialmente, do que pretende o gênio romântico de um modo geral. Com “Mocidade e Morte”, estamos diante do gênio voltado para a infinitude, para o Absoluto, mas, que ao mesmo tempo, conhece e teme a hora irreversível da morte:

No seio da mulher há tanto
aroma...
Nos seus beijos de fogo há
tanta vida...
Árabe errante, vou dormir à
tarde
A sombra fresca da palmeira
erguida.

Mas uma vez responde-me sombria:
Terás o sono sob a lájea fria. (Alves s/d: 16).

O gênio criador, neste segundo poema, não só conhece a vida, como contempla os seus prazeres e a eternidade – “o sempre noite”. Os prazeres são sentidos e lamentados diante da voz que, compondo uma espécie de refrão durante o poema, alerta o gênio com relação ao curso natural da sua espécie. Enquanto o poeta, cheio de entusiasmo, diz que vai, como um “árabe errante”, “dormir à tarde”, a voz responde que ele terá o eterno “sono sob a lájea fria”.

Na continuidade do poema, o gênio continua elencando as belezas da vida que merecem contemplação, como a “camélia pálida” e o seio da amante virgem, além de questionar o porquê da morte quando “o mundo é um paraíso” e, quando a sua alma nele se esbalda como uma “borboleta, que espanja o pó das asas lúcidas, douradas...”, mas a voz mais uma vez responde: “impossível”. As respostas emitidas pela voz ouvida pelo eu lírico apontam para o fim inadiável e irremediável, para a vida de prazeres curta e passageira, já que, como afirma Manoel de Barros (1998), “morrer é mesmo uma coisa indestrutível”.

Aqui, o gênio anseia por mais tempo, para mais glórias e para mais prazeres:

Eu sinto em mim o borbulhar do gênio.
Vejo além um futuro radiante:
Avante! – brada-me o talento n'alma
E o eco ao longe me repete-avante! –
O futuro... o futuro... no seu seio...
Entre louros e bênçãos dorme a glória
Após-um nome do universo n'alma,
Um nome escrito no Panteon da história.

E a mesma voz repete funerária: –
Teu Panteon-a pedra mortuária!

Morrer-é ver extinto dentre as névoas
 O fanal, que nas guia na tormenta:
 Condenado – escutar dobres de sino,
 – Voz da morte, que a morte lhe lamenta –
 Ai! morrer – é trocar astros por círios,
 Leite macio por esquife imundo,
 Trocar os beijos da mulher – no visco
 Da larva errante no sepulcro fundo. (Alves s/d: 17).

Neste momento, gênio criador é apresentado como alguém cheio de vigor e entusiasmo, ou seja, como alguém na mocidade. A vida e o tempo são os maiores aliados para a construção de um legado cheio de glórias. O gênio, neste segundo texto selecionado, não é um desgraçado, mas um entusiasmado que vislumbra um futuro intelectual cheio de “bênçãos” e “glórias”. O talento inato pulsa na alma, a vida lhe diz sempre “avante” e tudo o que o poeta precisa é de tempo para escrever o seu nome no “Panteon da história”. Porém, “a voz funerária”, responsável pelo refrão do referido poema, coloca em conflito a ideia do gênio e da construção de um legado intelectual que o transformasse em um Deus da história ao dizer: “Teu Panteon a pedra mortuária”.

O jogo de antítese estabelecido entre a mocidade e a morte no poema parece compor também uma segunda antítese entre as ideias de legado e morte. A mocidade, cheia de vigor e visco, vislumbra um futuro de glórias e anseia a construção de um legado, enquanto que a morte está para lembrar que a mocidade chega ao fim, que “os beijos da mulher” serão fatalmente trocados pelos “da larva errante no sepulcro fundo” e que o futuro de qualquer um, malgrado legado, é ser esquecido.

Na prossecução:

Ver tudo findo... só na lousa um nome,
 Que o viandante a perpassar consome
 E eu sei que vou morrer... dentro em meu peito
 Um mal terrível me devora a vida:
 Triste Ahasverus, que no fim da estrada,
 Só tem por braços uma cruz erguida.
 Sou o cipreste, qu'inda mesmo flórido,
 Sombra de morte no ramal encerra!
 Vivo – que vaga sobre o chão da morte,
 Morto-entre os vivos a vagar na terra.

Do sepulcro escutando triste grito
 Sempre, sempre bradando-me: maldito! – (Alves s/d: 18).

A morte é aceita como algo implacável. O gênio criador representado pelo poema, lúcido diante do fim e sentindo-se perseguido por ele, imagina-se como um Ahasverus triste no cabo da estrada e define, por meio de mais uma antítese, o que é a vida e a morte para o gênio criador. O eu-lírico do poema nos diz que “Vivo” o

gênio caminha sobre o chão da morte, ou seja, vaga sobre o chão que o acolherá no derradeiro dia; e “Morto”, terá seu nome e o seu legado individual entre os vivos “a vagar na terra”.

É importante destacar o refrão exposto acima, em que a voz fúnebre brada ao poeta a palavra “maldito”, pois, como sabemos, os poetas da segunda fase do Romantismo no Brasil eram chamados de malditos, principalmente, por conta da relação entre a ideia de gênio criador e o satanismo.

Márcio Roberto do Prado esclarece um pouco mais essa relação, além de discutir o lugar dos gênios criadores no cânone literário ao dizer que:

Isto talvez só venha provar que, em se tratando de gênio e genialidade, continua valendo o princípio diabólico segundo o qual, para chegarmos ao cerne da inteligência literária, humana e, por que não, cósmica, é preciso descer às profundezas, por vezes através de uma queda sem precedentes. No fim, percebe-se que o gênio é realmente revolucionário, não se colocando jamais, de modo passivo e previsível, ao lado do *status quo* canônico. O gênio não é, definitivamente, assunto para os deuses. É assunto para demônios (Prado 2007: 71).

A noção de gênio criador aproxima-se de um conceito diabólico na medida em que produz um discurso conflituoso, revolucionário e que se afasta, essencialmente, de uma postura “passiva” e “previsível” (conceito de profeta). O poeta maldito é aquele que, movido por uma “inteligência literária” e “cósmica”, desafia e faz vacilar as fronteiras entre os humanos e Deus. Vale comentar a consideração feita por Prado acerca do lugar ocupado pelos gênios no cânone literário. Para ele, o gênio não está entre os grandes nomes, pois sua escrita conflituosa faz com que tenhamos que descer ao inferno, muitas vezes em uma “queda sem precedentes”, ou seja, chegar até nomes muito menores para estar diante de um gênio criador. O seu discurso inovador não figura, na maioria das vezes, entre os grandes nomes porque não partilha de uma voz já consagrada, ou, como nas palavras do estudioso, porque não possui um “status quo canônico”.

Para concluir a leitura do segundo poema escolhido, a última estrofe:

Adeus, pálida amante dos meus sonhos!
 Adeus, vida! Adeus, glória! amor! anelos!
 Escuta, minha irmã, cuidosa enxuga
 Os prantos de meu pai nos teus cabelos.
 Fora louco esperar! fria rajada
 Sinto que do viver me extingue a lampa...
 Resta-me agora por futuro — a terra,
 Por glória-nada, por amor-a campa.

Adeus! arrasta-me uma voz sombria
 Já me foge a razão na noite fria!.. (Alves s/d: 18).

Completando a transitoriedade pretendida durante todo o poema, o poeta conclui com uma estrofe que reproduz a morte do gênio. O poema que começa na mocidade e que passa pelo "borbulhar" do gênio criador chega até a morte e, nesse momento, o futuro não é mais feito de glórias, mas de terra e campo. O texto que tem o início marcado pelo anseio pela infinitude da mocidade chega ao cabo com a lucidez passiva diante da irreversibilidade da morte.

Pensando ainda na transitoriedade da vida do gênio presente no prólogo e no último poema apresentado, é possível e interessante pensar na relação entre morte e legado comparando os dois textos escolhidos e o prólogo do gênio responsável por estas espumas flutuantes.

O primeiro poema exposto "Ahasverus e o gênio" admite a construção de um legado intelectual, mas, por outro lado, nega a possibilidade da morte porque nega também a existência da vida. O gênio romântico, neste poema, é como o judeu errante castigado por Jesus Cristo, caminha como um desgraçado à procura de glórias, isto é, o legado intelectual só existe enquanto uma vida humana (prazeres ou amigos, por exemplo) for negada. Estamos, portanto, frente a uma representação quase fáustica do legado e do gênio, pois Castro Alves parece acreditar que o gênio só construiria um legado, ou seja, só seria imortal, se, como um desgraçado por Deus, existisse apenas para cumprir a sua missão apostólica para com a literatura.

O segundo poema, por sua vez, aproxima-se muito da transitoriedade apresentada ainda no prólogo do livro, pois nos mostra o amadurecer de entusiasmo do poeta, o borbulhar do gênio na mocidade e a morte precoce que viria ameaçar a construção de um nome glorificado na história. A imortalidade, diferente do primeiro poema apresentado (ali estamos diante da imortalidade da alma em detrimento do corpo), é desejada em sua totalidade. O gênio criador anseia por tempo e por reconhecimento, pois, além de querer deixar o seu nome registrado no "Panteon da história", quer também gozar das belezas e delícias da vida.

A leitura dos poemas escolhidos nos mostra que, ainda que a partir de perspectivas muito diferentes, os dois textos se voltam para a morte e, principalmente, para a construção do legado do gênio criador. Existe, portanto, nos dois poemas, o anseio por ser lembrado e o desejo de fazer com o nome e a memória individual persistam apesar da morte. Entretanto, os poemas apresentam também, além da ideia da impossibilidade de vida para a imortalidade do gênio, o receio e a lucidez diante da irreversibilidade da morte. No poema "Ahasverus e o gênio", por exemplo, o poeta romântico, o desgraçado por Deus e desprezado pelos homens, por temer a finitude da sua vida e, sobretudo, o esquecimento do seu nome, deixa de viver, deixa de experimentar as delícias e os sabores do mundo por um legado de glórias e, por fim, acaba desconhecendo os valores da imortalidade, da morte e, principalmente, da vida. Já em "Mocidade e Morte", estamos diante do entusiasmo da alma que sente o pulsar do gênio e que vislumbra um futuro de glórias. O poema, que apresenta o curso da vida do poeta, deixa-nos com os seus últimos suspiros. Aqui, apesar do talento e do vigor do gênio criador, o tempo é escasso. O espírito do poeta clama por mais vida, mas a morte, implacável, arranca-lhe as esperanças de glória muito cedo, deixando apenas a incerteza com relação ao futuro do seu nome e legado intelectual construído.

Enfim, observa-se, na relação do gênio com o legado, dois tipos de

imortalidade: o primeiro é apresentado no poema "Ahasverus e o gênio", em que a morte é a condição para a imortalidade, ou seja, estamos diante da eternidade da alma do gênio, que é condenada a caminhar à procura de glória, e o desejo aqui é morrer para ser imortal, é justamente arriscar e temer pelo legado já construído; o segundo tipo de imortalidade observado está no poema "Mocidade e Morte", trata-se de um anseio em sua totalidade, pois, nesse momento, ainda que exista lucidez diante da finitude e que ela, sobretudo, persista, o poeta romântico deseja a eternidade não só para alma do jovem gênio criador, como também para o corpo cheio de vigor que sente no peito o borbulhar do gênio e recebe os beijos de mulher.

Considerações finais

Diante do exposto, o presente estudo procurou observar, pensando, principalmente, na morte como representação literária, de que forma a noção de legado ou herança intelectual se faz presente na literatura ou, mais especificamente, no Romantismo.

Para melhor compreender a ideia de legado e gênio, as duas primeiras partes que antecedem a análise dos poemas se voltaram para o conceito de legado e a sua relação com a natureza finita do homem, como também para o Romantismo como movimento vasto, difuso e possuidor de uma personalidade extremamente interessante quando pensamos em legado individual: o gênio criador.

Foi possível, a partir da já referida parte introdutória e da leitura dos poemas escolhidos, observar que, ainda que atenção se dirija à morte ou à imortalidade, o que prevalece no gênio criador romântico é a ideia de legado intelectual e a sua legitimação. Não existe em nenhum dos dois poemas analisados a crença (e nem mesmo o anseio) com relação à imortalidade do corpo, não houve lapsos de lucidez frente à irreversibilidade da morte. Os poemas se voltam justamente para a morte como legitimadora do legado intelectual e, conseqüentemente, da imortalidade do gênio criador.

O espírito romântico de Castro Alves, movido pelo anseio pelo Absoluto e se voltando para uma intensa afirmação individual, faz com que os seus textos, como vimos aqui, sejam movimentados, malgrado a morte, pelo desejo de ser lembrado e pela sede de estabelecer a sua memória individual para legitimar o seu nome como sendo filho da musa.

A imortalidade do gênio criador presente nos dois poemas escolhidos não se volta para o desejo de driblar a morte, como acontece na já referida obra de Goethe ou com os alquimistas do Renascimento, mas para a sede de transformar um punhado de versos em "espumas flutuantes" no dorso da história.

THE ROMANTIC GENIUS AND THE IMMORTALITY: ANALYSIS OF "AHASVERUS E O GÊNIO" AND "MOCIDADE E MORTE", BY CASTRO ALVES

Abstract: The certainty of finitude passes by the lives of all men; however, this does not mean accepting that the ultimate purpose of existence is to die: before, there is rebellion against this. Thus, one of the alternatives to deviate from death is found in art, which is composed by the promise of immortality, in other words, it is the maximum transgression of human condition, it is what enables man to attain equality with gods. Keeping this in mind, this paper aims to articulate the notion of romantic genius and the desire of immortality. In order to understand the relationship between man and legacy and how it represents a gesture of revolt, two poems by Castro Alves were analyzed.

Keywords: Castro Alves; creator genius; immortality and literary legacy.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Castro. Espumas flutuantes. In: *Poesias Completas*. São Paulo: Ediouro, s.d.
- AMADO, Jorge. *ABC de Castro Alves*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro Enigma*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BARROS, Manoel de. *Retrato do Artista quando Coisa*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- HERZOG, Werner. *Caverna dos Sonhos Esquecidos*. Canada | USA | France | Germany | UK. Creative Differences, History Films, Ministère de la Culture et de la Communication de France. Dvd, Documentário, 2010, 90 min. Título original: Cave of Forgotten Dreams.
- LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e Melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- NUNES, Benedito. A Visão Romântica. In: *O Romantismo*. Org. Jacó Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- PESSOA, Fernando. Mensagem, In: *O eu profundo e os outros eus: seleção poética*. Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- PRADO, Márcio Roberto do. *Vésper*. 2007. 347 f. Tese de Doutorado em Estudos Literários - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

RANK, Otto. *O Duplo*. Tradução: Mary B. Lee. Rio de Janeiro: Brasilica, 1939.

SCHÜLER, Donaldo. Sobre a gênese do gênio. *Revista Travessia*, n. 25. Florianópolis, 1992.

VOLOBUEF, Karin. *Frestas e Arestas*. A prosa de ficção do romantismo na Alemanha e no Brasil. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

ARTIGO RECEBIDO EM 23/09/2013 E APROVADO EM 11/11/2013